

# Mariátegui e a crítica da vida cotidiana\*

Antonio Melis\*\*

## **Resumo:**

Embora não tenha uma construção orgânica acerca de temas voltados à dimensão da vida cotidiana, José Carlos Mariátegui assinalou sua importância em varias ocasiões, principalmente em decorrência de sua atividade como jornalista, depurando os impactos e as metamorfoses das festas cívicas e religiosas às do carnaval e da moda, sob o crivo da modernidade capitalista. O texto presente tem como objetivo apresentar e analisar os textos do marxista peruano que revelam uma sensibilidade de mediar teoria marxista com interpretação da vida cotidiana contribuindo, assim, para um assunto ainda pouco explorado pelo marxismo crítico contemporâneo.

**Palavras-chave:** José Carlos Mariátegui; Juan Croniqueur; Vida cotidiana; Cultura limenha.

## Mariátegui and the criticism of everyday life

### **Abstract:**

Although he lacked an organic theory regarding the themes of everyday life, José Carlos Mariátegui demonstrated his importance on various occasions, principally as a result of his activities as a journalist, where he analyzed the impacts and metamorphoses of civic and religious festivals under the influence of capitalist modernity. This article presents and analyzes the writings of this Peruvian Marxist, which reveal an ability to blend Marxist theory with interpretations of everyday life. It thus contributes to an area that has not been explored much by contemporary critical Marxism.

**Keywords:** José Carlos Mariátegui; Juan Croniqueur; everyday life; Lima culture.

## Continuidade de um “Croniqueur”

As reflexões que seguem surgem da leitura de alguns escritos mariateguianos aparentemente marginais, mas que podem lançar uma nova luz sobre a personalidade do escritor peruano. O próprio Mariátegui, como se sabe, tem estabelecido

---

\* *Lutas Sociais* apresenta a seus leitores o artigo de Antonio Melis, nunca publicado no Brasil. Trata-se do maior estudioso vivo de Mariátegui; organizou (ao lado de Sandro Mariátegui, filho de JCM) a correspondência do marxista peruano, além de ter participado da organização das *Obras Completas* de JCM. Traduzido do espanhol por Deni Ireneu Alfaro Rubbo. Publicado em *Ensayos sobre Mariátegui*, Simpósio de Nueva York/1980. Lima: Amauta, 1987 e *Leyendo Mariátegui* (1967-1998). Lima: Amauta, 1999.

\*\* Catedrático de Línguas e Literatura Hispano-americana e de Civilizações Indígenas da América na Universidade de Siena (Itália) e professor honorário da Universidade Nacional de São Marcos, Lima, Peru. End. eletrônico: melis@unisi.it

um corte entre duas épocas de sua vida política e cultural, definindo como “idade da pedra” o período anterior de sua viagem à Europa. Durante muito tempo se tem aceitado de forma respeitosa, mas ao mesmo tempo bastante passiva, esta autoavaliação. Tratava-se, portanto, de uma divisão que carecia de fundamento. É evidente que o salto de qualidade significa o encontro com o mundo europeu, em um período tão intenso de sua história. Mas se tem investigado menos, em terreno crítico, a relação entre o panorama peruano e as contribuições europeias<sup>1</sup>. Tem-se alcançado, no limite, estabelecer uma estática oposição entre o jovem Mariátegui e o Mariátegui maduro. Em muitos casos esse esquema abstrato chega a sufocar a análise concreta. A antítese entre os dois Mariátegui tem sido assim modelo, por analogia, com a antítese entre o jovem Marx e o Marx maduro, o jovem Gramsci e o Gramsci do cárcere, etc.

Porém, mais além das categorias abstratas, permanece a evidência de elementos de continuidade entre as duas etapas fundamentais da experiência mariateguiana. Pensemos, por exemplo, no breve período da revista *Colónida*<sup>2</sup>, aparentemente tão distante do Mariátegui militante dos últimos anos, e não obstante reivindicada lucidamente em seus aspectos de rebeldia contra um ambiente limitado.

São estes alguns dos motivos que hoje impulsionam os mariateguistas a exigir esta parte do “Mariátegui que nos falta”<sup>3</sup>.

Existe uma zona menos observada nos escritos mariateguianos que representa uma ponte, talvez insuspeita, entre estas duas etapas. Trata-se de artigos que têm como característica comum um olhar agudo de algumas manifestações da vida diária ou, em geral, de aspectos desvinculados da política. A atividade jornalística de Mariátegui é o centro de sua presença na cultura e na vida política peruana. Ao mesmo tempo representa um elemento de continuidade entre os períodos fundamentais de sua vida já aludidos.

Na fase anterior da viagem à Europa, a atenção ao cotidiano pode ser considerada como função orgânica da profissão de Mariátegui. Não se pode esquecer que durante um período bastante extenso sua atividade não foi genericamente a de um jornalista, mas, especificamente, a de um cronista. Isto implica em quase

---

<sup>1</sup> Procurei delinear alguns aspectos deste problema na comunicação sobre “Fondo peruano y aportes europeos en la definición del pensamiento de Mariátegui”, apresentado no Colóquio mariateguiano de Culiacán, Sinaloa (México), em abril de 1980.

<sup>2</sup> Ver o capítulo 10, “El proceso de la literatura” (“Colónida y Valdelomar”) nos Sete ensaios, de Mariátegui (1981: 281-290).

<sup>3</sup> Segundo a expressão de Tomás G. Escajadillo no artigo de El Observador, Lima, 3 de novembro de 1982.

uma obrigação de desenvolver uma sensibilidade ainda mais capaz de captar as peças dos fenômenos da vida diária.

Um nível particular dessa faculdade de percepção, na qual se encontram manifestações do periodismo de Mariátegui, é o que podemos chamar de setoriais. Refiro-me, obviamente, a intensa colaboração com um jornal como *El Turf*, onde a observação de um passatempo típico da aristocracia e da alta burguesia é ao mesmo tempo a ocasião para oferecermos um quadro desta camada da sociedade limenha, em suas rituais manifestações. O mesmo enfoque pode detectar também os artigos mariáteguianos destinados a uma revista como *Lulú*, que se dirige ao “mundo feminino”. Ainda que a representação da vida social nesse caso seja menos direta, não faltam artigos sobre a vivência das mulheres limenhas da alta sociedade.

Resta muito trabalho para realizar uma recuperação desses escritos dentro do itinerário global de Mariátegui. Todavia, não têm faltado contribuições notáveis de estudo desta “idade da pedra”. A partir dos estudos de Hugo Neira (1960)<sup>4</sup> e, sobretudo, o livro pioneiro de Genaro Carnero Checa (1980), tem-se tido algum interesse crescente por esta zona descuidada da experiência mariáteguiana<sup>5</sup>. Em compensação, têm permanecido muito pouco explorado os elementos de continuidade que se podem encontrar entre a primeira etapa e a fase de maturidade de Mariátegui. Não se trata, portanto, de uma simples volta ao periodismo juvenil, mas de uma atenção persistente, dentro da nova visão de mundo alcançada pelo autor, sobre os aspectos extra-políticos da vida.

### **Festa cívica e festa religiosa**

Alguns dos textos que quero examinar encontram-se hoje reunidos no tomo IV das *Obras completas*, sob o subtítulo “Ensaio Sintéticos” (Mariátegui, 1980: 87-133). Entre esses artigos um dos mais antigos é “Divagaciones de Navidad” [Divagações do Natal]. Sua primeira aparição remonta precisamente no Natal do ano de 1923, quando sai o periódico *Información* de Lima, sob o título “Navidad en nuestra época” [Natal de nossa época]. Exatamente dois anos mais tarde, o artigo se reimprime no *Mundial*, com o título já citado “Divagaciones de Navidad”, que permanecerá como definitivo<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Ver Neira (1960), especialmente, “En busca de Juan Croniqueur”.

<sup>5</sup> Entre as contribuições mais significativas pode-se assinalar: Elizabeth Garrels (1975: 115-128); Oscar Terán (1980: 18-24); Alberto Flores Galindo (1982: 119-142).

<sup>6</sup> Ver Mariátegui (1980: 112-119).

A primeira data resulta altamente significativa. Não esqueçamos o elemento emocional tão evidente em um homem como Mariátegui, profundamente vinculado com as experiências religiosas de sua infância. Depois de seu regresso da Europa, em 18 de março de 1923, o Natal daquele mesmo ano é a primeira experiência em território peruano. Por isso, representa um novo encontro com uma festa conhecida numa época distinta de seu itinerário vital. Mas, sobretudo, é uma ocasião para confrontar duas maneiras de viver uma mesma experiência ritual. Este último aspecto merece um destaque particular, posto que representará uma atitude constante nos artigos que Mariátegui dedica a outras festividades. Através da relação estabelecida entre festa europeia e festa peruana, o autor chega a uma nova leitura do evento *criollo*<sup>7</sup>, do ponto de vista ambiental, social e cultural.

No artigo sobre o Natal, o ponto de partida é a colocação da festa no contexto mundial. Apesar da tendência do mundo à unificação, inexistente uma festa que tenha um caráter verdadeiramente universal. O Natal segue sendo uma festa limitada ao mundo ocidental e cristão. Ao mesmo tempo, sofre o condicionamento do meio geográfico diferenciado dentro do qual se desenvolve. Na Europa, Mariátegui teve a experiência direta do Natal típico do hemisfério boreal, com seu frio e sua neve. Agora o efeito mais difícil de aceitar é a atmosfera de verão que rodeia o Natal limenho. Mas a razão íntima de sua sensação de incômodo é o caráter basicamente caseiro da festa. Muda fundamentalmente o signo e o sentido do Natal, posto que o clima austral obriga as pessoas a se voltarem para a rua. Transforma-se quase em seu oposto: na festa de rua ao invés de festa no lar.

Além dessa contraposição entre exterior e interior, Mariátegui introduz outro semelhante antagonismo, formado pelas festas religiosas e as festas cívicas. Se o Natal não tem logrado alcançar uma extensão ecumênica, o Ano Novo “carece de conteúdo espiritual” (Mariátegui, 1980: 113). Mantém sua vinculação com um estado de necessidade, “a necessidade de medir o tempo” (Mariátegui, 1980: 113). Outras festas cívicas, como explica o autor da primeira parte do artigo, não tem alcançado a popularidade das festas religiosas tradicionais:

“As festas nacionais são substancialmente festas políticas, destas estão reservadas quase que exclusivamente a uma celebração oficial. Não suscitam entusiasmo a não ser entre os partidários, entre os prosélitos do fato político, da festa política que comemoram” (Mariátegui, 1980: 113-114).

---

<sup>7</sup> O termo espanhol *criollo* poderia ser traduzido como crioulo, em sua acepção de “que ou quem, embora descendente de europeus, nasceu nos países hispano-americanos e em outros, originários de colonização europeia” (Houaiss). Como no português do Brasil a palavra “crioulo” assume outras significações, optamos deixá-la em espanhol [N. T.].

## Decadência do carnaval

Outra festa analisada com grande penetração pelo ensaísta peruano é a do carnaval. Nos últimos anos se tem produzido em todo o mundo um novo olhar em direção ao carnaval em todas as suas manifestações. O resgate da obra de Mikhail Bakhtin tem contribuído de forma decisiva para um novo florescimento de estudos empíricos e enfoques teóricos. Ao mesmo tempo o trabalho de investigação tem coincidido com uma recuperação do carnaval no plano vivencial.

Nos anos em que escrevia Mariátegui, estes fenômenos permaneciam ainda longe do horizonte intelectual latino-americano. Somente alguns grandes antropólogos, em primeiro lugar o cubano Fernando Ortiz (1960)<sup>8</sup>, superam o nível de investigação local e intentam uma elaboração teórica.

Uma prova indireta dessa atenção escassa e marginal é encontrada nas palavras que abrem o artigo “Motivos de carnaval”, publicado por Mariátegui (1980: 120-126), no *Mundial*, em 24 de fevereiro de 1928. O autor adverte a exigência de explicar sua eleição de um tema tão peregrino, distanciando-se de todas suspeitas de frivolidade:

“Não desdenhemos gravemente os pretextos frívolos. Nenhum pretexto é bastante frívolo para não poder servir a uma reflexão séria. O carnaval, por exemplo, é uma das melhores ocasiões de assomar-se na psicologia e na sociologia limenhas” (Mariátegui, 1980: 120).

Na realidade, Mariátegui volta a um tema que o havia chamado atenção já em sua época juvenil. Em Juan Croniqueur, com efeito, devemos uma crônica das festas de carnaval, dentro da série publicado no diário *La Prensa* com o título “Glosario de las cosas cotidianas” [Glossário de coisas cotidianas]<sup>9</sup>. É um documento que testemunha um interesse precoce sobre o tema, mesmo que sem as projeções teóricas que vamos encontrar no artigo de 1928.

Nesse texto, depois de haver recordado novamente as características peculiares do Natal peruano, Mariátegui passa examinar a função do carnaval no mundo contemporâneo. No caso dessa festa, a oposição que estabelece perde seu caráter espacial para adquirir uma dimensão temporal. Durante o período de máxima vigência do carnaval, na Idade Média, sua celebração tinha uma clara função de válvula de escape.

---

<sup>8</sup> Tenho intentado um perfil do grande sábio cubano “Il percorso di Fernando Ortiz nella definizione della cultura cubana”. Ver Melis (1980).

<sup>9</sup> Publicado em *La Prensa*, Lima, 9 de março de 1916: 5. Ver Mariátegui (1991: 81-83). Ver também “El Señor Carnaval”, *El Tiempo*, Lima, 10 de fevereiro de 1918: 1. Ver Mariátegui (1993: 382-383).

“Era então um instante de retorno à alegria pagã. Desde que esta alegria regressou aos costumes, os dias de carnaval perderam sua intensidade. Não havia já impulsos reprimidos que explodiam delirantemente. O bacanal estava reincorporado nos usos da civilização” (Mariátegui, 1980: 125).

No caso do carnaval limenho, segundo Mariátegui, resulta decisivo seu choque com o desenvolvimento urbano e industrial. Uma festa desse tipo, curiosamente, se torna incompatível com o triunfo da sociedade burguesa:

“A cidade aristocrática podia tolerar, educadamente, durante o carnaval, a lei do subúrbio; a cidade burguesa, ainda que pareça paradoxal, devia forçosamente atacar, em pleno processo de democratização, este privilégio da plebe” (Mariátegui, 1980: 122).

O aburguesamento da festa ajuda sua perda de estilo, posto que a burguesia “carece de uma imaginação criadora” (Mariátegui, 1980: 122).

Mas, ao lado da colocação histórico-social do fenômeno, encontramos algumas alusões a seu sentido ontológico, metafísico. Um escritor italiano muito querido por Mariátegui, Massimo Bontempelli<sup>10</sup>, fornece a pauta para estas considerações finais. Justamente porque o carnaval tem perdido sua função originária, “o homem moderno começa a encontrar uma face descomposta do cadáver” (Mariátegui, 1980: 125).

### **O carnaval e o passado**

Esta parte final do artigo se apresenta como o desenvolvimento de algumas formulações contidas em um trabalho anterior. Trata-se de um artigo publicado em *Mundial* em 27 de fevereiro de 1925 e que apresenta aparentemente um caráter menos ensaístico a respeito do que acabamos de examinar. Até seu título, “Serpentinas”, parece expressar uma visão circunstancial, a partir de dentro, da festa. Na realidade, sob uma forma aforística que representa o grau extremo da tendência mariáteguiana à concisão, se expressam algumas intuições muito profundas, relacionadas com o núcleo central de seu pensamento.

O autor assinala, em primeiro lugar, o conteúdo democrático presente nas festas de carnaval. Com efeito, nesses dias é possível para todo o mundo disfarçar-se com os trajes de nobreza e até os soberanos. Mas com uma virada repentina, Mariátegui chega a uma conclusão epigramática:

---

<sup>10</sup> Sobre Bontempelli, ver, por exemplo, o artigo “Una polémica literaria”, *Variedades*, de 14 de janeiro de 1928. Ver Mariátegui (1980: 137-140).

“Esta familiaridade periódica com a realeza, esta profusão anual de monarquias são seguramente, saudáveis e pedagógicas. Fazem da monarquia um artigo de carnaval” (Mariátegui, 1980: 127).

Ao mesmo tempo, e de forma complementar, “os carnavais transformaram-se numa coisa séria” (Mariátegui, 1980: 127). Encontramos aqui a primeira percepção da falta de espontaneidade do carnaval contemporâneo, sobre a qual se voltará no artigo já comentado de 1928.

Mas as “Serpentinas” de Mariátegui não se detêm apenas nessas considerações. Com outro brilhante “salto” lógico, passa a examinar a dimensão liminha do carnaval. A tendência dos capitalistas é levar demasiado a sério esse tipo de festa, o que coloca uma nova luz sobre o humorismo, que resulta em uma mais elaborada forma de malícia.

Do âmbito limenho, o autor volta a uma análise do tipo mais universal. O que está em jogo nos disfarces carnavalescos é algo tão sério como a relação com o passado:

“As fantasias nos ensinam que o passado não pode ressuscitar senão carnavalescamente. O Passado é um guarda-roupa. Não é possível restaurar o Passado. Não é possível reinventá-lo. É possível unicamente parodiá-lo. Em nossa retina, o Presente é uma instantaneidade: o Passado é uma caricatura” (Mariátegui, 1980: 124-125).

O leitor familiarizado com os ensaios “maiores” de Mariátegui advertirá seguramente a afinidade entre essas páginas escritas com agilidade e, por exemplo, o artigo dedicado a Jorge Manrique<sup>11</sup>, um dos momentos fundamentais da obra do escritor peruano. Nesse trabalho o autor polemiza vigorosamente com os passadistas, que pretendem transformar a tradição em um fetiche. Voltando a estabelecer, através de uma leitura integral, o significado autêntico das célebres *Coplas por la muerte de su padre* do poeta espanhol, o peruano escreve:

“Jorge Manrique não é responsável por nada além de sua poesia. Não lhe imputemos nenhum dilema alheio a seu verdadeiro pensar. Relemos seus versos sem nos atermos a especiosos fragmentos, ficticiamente recortados. Sua poesia tem a ver com a tradição, mas não com os tradicionalistas. Porque a tradição é, contra o que desejam os tradicionalistas, viva e móvel. Criam-na os que a negam, para renová-la e enriquecê-la. Matam-na os que a querem morta e fixa, prolongação do passado em um presente sem forças, para incorporar nela seu espírito e para enfiar nela seu sangue” (Mariátegui, 1980: 129-130).

---

<sup>11</sup> Publicado em *Mundial*, em 18 de novembro de 1927, “Reivindicación de Jorge Manrique”. Ver Mariátegui (1980: 126-130).

Apesar do assunto tão distinto e do tom muito mais solene, esse artigo memorável é, no fundo, um desenvolvimento sistemático da atitude em direção ao passado expressada na “Serpentinas”. Mariátegui tinha uma clara consciência do papel importante que tinha sobre suas afirmações acerca do tema da tradição. Por isso, voltando sobre o mesmo tema em um artigo de 25 de novembro de 1927, publicado também no *Mundial*<sup>12</sup>, começa com uma autocitação textual do ensaio sobre Manrique. Mais adiante reitera com novas fórmulas sua vontade de resgatar a tradição das mãos dos tradicionalistas:

“Os verdadeiros revolucionários não procedem nunca como se a história tivesse começado com eles. Sabem que representam forças históricas, cuja realidade não lhes permite comprazer-se com a ilusão verbal extremista de inaugurar todas as coisas” (Mariátegui, 1981a: 117-118).

Outro tema sobre o qual insiste o autor é a impossibilidade de reduzir a tradição dentro de uma fórmula única:

“A tradição, no entanto, caracteriza-se precisamente pela sua resistência a deixar-se apreender numa fórmula hermética. Como resultado de uma série de experiências – isto é, de sucessivas transformações da realidade sob a ação de um ideal, que a supera, consultando-a, e a modela, obedecendo-a –, a tradição é heterogênea e contraditória em seus componentes. Para reduzi-la a um único conceito, é preciso conter-se com sua essência, renunciando às suas diversas cristalizações” (Mariátegui, 1981a: 118).

Essa ideia da heterogeneidade da tradição se encontra desenvolvida no artigo “La tradición nacional” [A tradição nacional], publicado uma semana depois no *Mundial*. O caso concreto que se examina é sobre a tradição peruana, arbitrariamente reduzida durante muito tempo em seu componente espanhol. Sem desconhecer esse aporte, o autor considera indispensável para uma valoração equilibrada não esquecer a antiga tradição incaica e a recente tradição republicana:

“Quando se fala de tradição nacional, precisamos estabelecer previamente de qual tradição se trata, porque temos uma tríplice tradição. E porque a tradição tem sempre um aspecto ideal – que é o aspecto fecundo como fermento ou impulso do progresso ou superação – e um aspecto empírico, que a reflete sem contê-la essencialmente. E porque a tradição está sempre em crescimento sob nossos olhos, que tão frequentemente esforçam por querê-la imóvel e acabada” (Mariátegui, 1981a: 123).

---

<sup>12</sup> Publicado com o título “Heterodoxia de la tradición”. Ver Mariátegui (1981a: 117-120).

<sup>13</sup> Ver Mariátegui (1981a: 121-123).



Há outro testemunho muito importante sobre essa preocupação mariateguiana, que até hoje talvez não tenha sido compreendida em todo seu alcance. Refiro-me a gestação do título da revista que acompanha os últimos quatro anos de vida de Mariátegui e que é uma de suas realizações mais extraordinárias. Como se sabe por muitas fontes, a ideia inicial do autor era de intitular a nova publicação com o nome de *Vanguardia*<sup>14</sup>. Quando se comenta a eleição sucessiva do título *Amanta*, se enfatiza sobretudo a orientação em direção ao autóctone que ela reflete. Mas vale a pena levar em consideração outro aspecto, relacionado à análise que tenho procurado desenvolver. Descontente pela falta de profundidade da agitação vanguardista, Mariátegui adverte sobre a necessidade de fundar em sua produção uma busca constante das raízes autóctones. A vinculação que o novo título estabelece com o passado incaico é uma manifestação dessa exigência imperativa de confrontar-se com a tradição.

### O sistema de moda

Nas “Serpentinas” de 1925 se encontram também algumas afirmações muito proponentes sobre a relação entre os trajes e o passado:

“Se um traje da corte de Luis XV é, em nosso tempo, um traje de carnaval, uma idéia da corte de Luis XV deve ser também uma ideia de carnaval. Por que se admite que envelheceram os trajes de uma época, mas não se admite igualmente que envelheceram suas ideias e suas instituições? A equivalência histórica de uma anáguas de Madame Pompadour e uma opinião de Luis XV me parece absoluta” (Mariátegui, 1980: 131).

Entre parêntese, Mariátegui adverte a necessidade de esclarecer que esse juízo não é fruto da influência de Oswald Spengler. Pode-se aceitar esta declaração de independência com respeito ao pensador alemão, ainda que tão presente na obra mariateguiana. Mas o que principalmente surpreende é a antecipação de problemas que retorna de maneira atual somente nesses últimos anos.

As observações sobre os trajes e sua correspondência com os aspectos mais notáveis de uma época se relacionam com outro “ensaio sintético” de Mariátegui. Refiro-me ao artigo publicado em 7 de novembro de 1924 no *Mundial*, sob o título “La civilización y el cabello” [A civilização e o cabelo] (Mariátegui, 1980: 102-111). Analisando a evolução da moda relativa a barba e o cabelo, o autor trata de encontrar uma correlação com os traços gerais das distintas épocas.

---

<sup>14</sup> Mariátegui anuncia o título *Vanguardia* na entrevista “¿Qué prepara Ud.?”, que concedeu a Ricardo García para *Variedades*, em 6 de junho de 1925. Ver Mariátegui (1980: 145-146).

Assinala, em primeiro lugar, uma tendência do mundo ocidental contemporâneo em direção à sobriedade do penteado. Isto significa o abandono de todo vigor do aspecto exterior:

“O homem desta civilização tem evoluído da mais primitiva exuberância capilar a uma barbeação quase absoluta. As barbas e os cabelos se encontram atualmente em decadência” (Mariátegui, 1980: 102).

As épocas históricas mais importantes podem ser analisadas a partir de sua maneira de arrumar barbas e cabelo. Desfilam nessas páginas saborosas o imperador Carlos Magno, o de barba florida, e as figuras alternadamente barbadas e lampinhos do Renascimento, os “excessos capilares” da época barroca e as perucas empoadas de rococó; até chegar aos românticos cabeludos, que se apresentam como restauradores da antiga exuberância. A linha que predomina na época contemporânea é claramente oposta ao intento romântico:

“Mas todas essas restaurações de bigodes, barbas e cabeleiras foram parciais, transitórias, interinas. A civilização capitalista não as admitia. Tratava-as como tentativas reacionárias. O desenvolvimento da higiene e do positivismo criaram também uma atmosfera adversa a estas restaurações” (Mariátegui, 1980: 105-106).

Um idêntico processo de simplificação do penteado e do traje afeta progressivamente as massas femininas. Corresponde ao progresso no terreno da emancipação da mulher, outro tema da modernidade observado com grande penetração por Mariátegui<sup>15</sup>.

É especialmente na parte final do artigo onde se apresenta com evidência a tese subjacente a essas notas aparentemente ocasionais. Seguindo um procedimento bastante típico de sua obra, o autor define sua posição em oposição à outra teoria. Neste caso o ponto de referência, extremamente significativo como uma prova a mais das amplas leituras de Mariátegui, é a reflexão de Georg Simmel sobre a Moda<sup>16</sup>. Trata-se de uma presença que adquire uma clara conotação, já que Simmel representa na filosofia contemporânea um dos pensadores mais abertos com relação à dimensão cotidiana da modernidade.

---

<sup>15</sup> Ver, por exemplo, os artigos “La mujer y La política” [A mulher e a política] e “Las reivindicaciones feministas” [As reivindicações feministas], publicados no *Mundial*, respectivamente em 15 de março e 19 de dezembro de 1924. Ver Mariátegui (1980b: 123-128, 129-133).

<sup>16</sup> A obra de Simmel aludida é *Philosophie der Mode*, Berlim, 1905, reimpressa na coleção de ensaios *Philosophische Kultur Gesammelte Essays*, Leipzig, 1911. Mariátegui não oferece nenhum dado sobre a forma em que conheceu essa *Filosofia da moda*.

Mariátegui não aceita a ideia da arbitrariedade da moda exposta pelo filósofo alemão. Reiterando os pontos-chave de sua análise, propõe uma leitura alternativa do fenômeno:

“Parece-me que a única arbitrariedade flagrante é, neste caso, a arbitrariedade da tese do original filósofo e ensaísta alemão. As criações da moda são instáveis e variáveis; mas reaparece sempre nela uma linha duradoura, uma trama persistente. Contrariamente do que asseverava George Simmel, é possível descobrir uma razão material, estética ou de outra índole que as explique” (Mariátegui, 1980: 109).

### **O cotidiano e o marxismo de Mariátegui**

Através deste diálogo à distância com Simmel, estamos nos aproximando ao coração do problema apresentado por esses escritos “extravagantes” de Mariátegui. Mais importante que a discrepância da valorização da moda, parece-me neste caso uma coincidência temática. O pensador peruano, em uma fase histórica em que estão fechando progressivamente os canais de debate e de investigação no campo marxista, reafirma também com essas “divagações” seu antidogmatismo coerente. O antigo Croniquer, o estudioso de coisas cotidianas, segue vivendo de forma inovadora como político marxista da maturidade. Estimula-o a trabalhar com o espírito crítico para preencher o abismo que tende a separar a doutrina abstrata da vida concreta dos homens reais.

Por isso, talvez, resulte tão difícil encontrar em sua época afinidades e pontos de contato dentro do campo marxista. Há que buscar sua “família” em autores tão pouco oficiais como Walter Benjamin, que revela sua sensibilidade análoga para mediar teoria com interpretação da vida cotidiana. Se nos aproximarmos das últimas décadas, poderemos encontrar sem dúvidas um aumento notável do interesse sobre tais problemas. Penso, especialmente, nos trabalhos fundadores de Henri Lefebvre (1961; 1968), que nascem de uma intenção consciente de superar o descuido reservado pelo marxismo tradicional à dimensão cotidiana. Na época mais próxima, esta tentativa tem sido repensada, sobre bases distintas, em alguns trabalhos da chamada “Escola de Budapeste”, em particular na *Sociologia da vida cotidiana* de Agnes Heller, publicada sob o auspício do professor György Lukács.

Pensador não sistemático, Mariátegui não se propõe nenhuma construção orgânica sobre esses temas. Mas em sua prosa ágil e fervente de ideias logra jogar uma luz inovadora sobre os aspectos da vida diária que refletem estruturas profundas da sociedade e da psique humana.

Mesmo depois de tantos anos de contato com seus escritos, o leitor de Mariátegui segue sendo fascinado pela atmosfera tensa e fresca que se respira em suas páginas. Quando se interroga sobre a origem desse prodígio, especialmente

em um contexto de uma época que se está cada vez mais sombria, talvez possa encontrar uma resposta nessa relação permanente com a dinâmica autêntica da vida.

Apresentando o Nº 1 de *Amauta* com um editorial memorável, Mariátegui escreve, entre outras coisas: “Tudo que é humano é nosso” (Mariátegui, 1981b: 237-239). Esta paráfrase do lema de Terêncio, “*Homo sum, humani nil a me alienum puto*”\*, vincula o pensador peruano com as raízes do humanismo marxista, ocultadas pelo economicismo escolástico. O resgate do cotidiano coincide perfeitamente com esse impulso vital, que assinala a presença inconfundível de Mariátegui no panorama do marxismo contemporâneo.

## Bibliografia

- CHECA, Genaro Carnero (1980). *La acción escrita. José Carlos Mariátegui periodista*. 2ª ed. Lima: Amauta.
- FLORES GALINDO, Alberto (1982). Juan Croniqueur 1914 / 1918. In: *La agonía de Mariátegui. La polémica con la Komintern*. 2ª ed. Lima: DESCO.
- GARRELS, Elizabeth (1976). *Mariátegui, la Edad de Piedra y el nacionalismo literario*. Escritura, Caracas, n.1.
- LEFEBVRE, Henri (1968). *La vie quotidienne dans le monde moderne*. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_ (1961). *Critique de la vie quotidienne*. Paris: L’arche. (v. I e II).
- MARIÁTEGUI, José Carlos (1993). *Escritos Juveniles (La edad de piedra)*. Lima: Amauta. (tomo VI).
- \_\_\_\_\_ (1991). *Escritos Juveniles (La edad de piedra)*. Lima: Amauta. (tomo III)
- \_\_\_\_\_ (1981). *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Lima: Amauta.
- \_\_\_\_\_ (1981a). *Peruanicemos al Perú*. 7ª ed. Lima: Amauta.
- \_\_\_\_\_ (1981b). *Ideología y Política*. 14ª ed. Lima: Amauta.
- \_\_\_\_\_ (1980). *La novela y la Vida. Siegfried y el Professor Canella. Ensayos sintéticos. Reportajes y encuestas*. 9ª ed. Lima: Amauta, 1980.
- \_\_\_\_\_ (1980a). *El artista y la época*. 8ª ed. Lima: Amauta.
- \_\_\_\_\_ (1980b). *Temas da educación*. 6ª ed. Lima: Amauta.

---

\* “Sou homem, nada do que é humano me é estranho”.

- MELIS, Antonio (1980). Il percorso di Fernando Ortiz nella definizione della cultura cubana. *Nova Americana*, Torino, n. 3.
- NEIRA, Hugo (1960). En busca de Juan Croniqueur. *Cultura Peruana*, Lima, n. 147-148.
- ORTIZ, Fernando (1960). *De la fiesta afrocubana del "Día de Reyes"*. Habana: Ministerio de Relaciones Exteriores.
- SIMMEL, Georg (1911). *Philosophie Kultur Gesammelte Essays*. Leipzig: W. Klinkhardt.
- TERÁN, Oscar (1980). Los escritos juveniles de Mariátegui. *Buelna*, México, n. 4-5.